

# **A relação afetiva e de escuta psicopedagógica no processo ensino aprendizagem de Filosofia<sup>1</sup>**

The affective relationship and psychopedagogical listening on the teaching-learning process of Philosophy

João dos Santos Barbosa Neto<sup>2</sup>  
Rosana Maria Resende Ferreira<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação *latu sensu* a distância em Psicopedagogia pelo convênio UCDB/Portal Educação. Campo Grande, 2012.

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia (UCDB/MS), bacharel em Teologia (UPS/ITÁLIA), pós-graduado *latu sensu* em *Counseling* (IATES/PR), pós-graduado *latu sensu* em Psicopedagogia (UCDB-Portal Educação/MS) e mestrando *stricto sensu* em Teologia Pastoral (UPS/ITÁLIA). Salesiano Sacerdote.  
E-mail: joaoneto@missaosaesaliana.org.br

<sup>3</sup> Professora Especialista nas seguintes áreas: Psicopedagogia em Educação – Organização do Trabalho do Professor Alfabetizador na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental e em Diversidade e Educação Especial para a Inclusão. Conferencista convidada pela Universidade Católica Dom Bosco para o curso de Psicopedagogia em parceria com o Portal Educação.  
E-mail: rosana-resende@ig.com.br

## RESUMO **ABSTRACT**

A visibilidade maior deste trabalho é evidenciar que a presença empática do professor facilita o processo de aprendizagem do aluno. Buscou-se definir sobre a habilidade de escuta que o psicopedagogo desenvolve em sua atuação, apresentando como contribuição para este trabalho a metodologia do *Counseling* com o objetivo de levar à reflexão os profissionais da educação na prática docente. Ensinar e aprender, aprender e ensinar são processos vitais na busca constante da conquista, do encantamento, da autoria do pensamento e do professor de Filosofia que busca caminhos de melhorar sua atuação e se preocupa com sua prática pedagógica, no sentido de tornar a educação mais inclusiva ao mesmo tempo em que proporcione situações que levem a um aprendizado. A pesquisa foi de cunho qualitativo, mas também recorreu à fonte bibliográfica e a dados de pesquisa de campo. Por ser graduado em Filosofia, o autor partiu de um interesse pessoal em refletir como a relação de diálogo e escuta dos professores de Filosofia com alunos do ensino médio da Escola Estadual Rui Barbosa do município de Campo Grande, MS. Os resultados podem interferir diretamente no estabelecimento de vínculos que resultam avanço da aprendizagem escolar e também auxiliar os alunos a resolver alguns de seus problemas pessoais.

*The greater visibility of this work is to show that the presence of empathic teacher facilitates the student's learning process. The authors have sought to give a definition of the ability of the psychopedagogic develops to listen in its operations, presenting as a contribution to this work the methodology of Counseling with the goal of bringing the education professionals to reflect on their teaching practice. Teaching and learning and learning and teaching are vital processes in constant pursuit of conquest, enchantment, of authorship of thought, and of the professor of philosophy that seeks ways to improve its performance cares about their practice in making the most inclusive education at the same time to provide situations that lead to learning. The research was qualitative, but also makes use of the bibliographic source and the data of field research. For its philosophical formation the author had started to a personal interest to reflect how the relationship of dialog and listening of the teachers of Philosophy with students of public school known as Escola Estadual Rui Barbosa, in the municipality of Campo Grande, MS. The results can directly interfere with the establishment of ties that result from advancement of school learning, and can also help students to solve some of their personal problems.*

## **PALAVRAS-CHAVE** **KEY WORDS**

afetividade  
aprendizagem  
escuta psicopedagógica

*affectivity  
learning  
psychopedagogical listening*

# 1 INTRODUÇÃO

A escola se tornou praticamente o único centro de aprendizagem educativo e social de crianças e adolescentes, pois a família, que antes detinha um papel primordial na vida deles, remete atualmente à escola praticamente toda a responsabilidade socioeducativa. Em sintonia com essa constatação, é notório e comum um certo distanciamento no relacionamento entre pais e filhos, fruto de uma crise de valores muito forte no atual momento da sociedade.

Por outro lado, em meio à instabilidade profissional, é certo que os professores busquem saídas solitariamente ou em grupos de estudo e pesquisa, que contribuem ao seu modo e dentro de suas possibilidades para a qualificação de sua prática docente. Mas como têm contribuído, afinal? Quais as experiências já acumuladas que podem ser passíveis de socialização? É nessa perspectiva que se inscreve o interesse desta pesquisa situada no campo da didática e da descoberta de outras habilidades de que o psicopedagogo deve ter conhecimento para poder sugerir, como o *Counseling*, para se somar ao processo educativo, a fim de procurar e habilitar os professores a serem bem sucedidos na sistematização de seus procedimentos metodológicos.

O professor não pode ficar indiferente à situação existencial do aluno. É por isso que, em um primeiro momento em classe, deve observar atentamente essa situação a fim de perceber o sujeito que aprende de forma inteira em relação a outros sujeitos com sua cultura, sua história e normas estabelecidas no contexto em que vive. Nesse caso, a atuação do docente pode ser um fator desencadeador de dificuldades. Na maioria das vezes, não são dificuldades intrínsecas ao educando, mas se encontram na relação entre este e o conhecimento ou com aqueles que ensinam.

Sabe-se que é fundamental no processo de crescimento e desenvolvimento humano a figura daquele que o acompanha. Toda pessoa necessita de orientação e de estímulo. É importante apresentar como a prática docente é manifestada, uma vez que o professor de filosofia deve ser um homem crítico, reflexivo, que consiga trazer os problemas da realidade de seus alunos e confrontá-los com a teoria, sendo assim dinâmico, empolgante e competente, demonstrando que faz o que gosta, tendo sensibilidade e coerência com os seus alunos, com sua aula e com a escola.

## 2 PROFISSIONAL DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO: DO SÉCULO PASSADO AOS DIAS ATUAIS E A PSICOPEDAGOGIA

A filosofia, essa grande arte de amar a sabedoria, foi retirada do currículo das escolas por aqueles que detêm o poder político de decidir sobre o que deve ser ensinado nos ambientes de aprendizagem, ou esquecido, pois dessa forma é muito mais fácil alienar e conduzir um povo a fazer o que bem se quer.

Uma transformação passou-se, do século passado para nossos tempos, entre os que seriam da filosofia! Os salões da alta sociedade, por exemplo, da segunda metade do século XIX em diante, estavam acostumados a considerar a pesquisa filosófica como um atentado ao bom senso e como um acúmulo de estranhezas e insensatez. (MARCONETTI, 2003, p. 14).

Pois bem, a filosofia tende a passar de um motivo irônico do século passado para um estímulo maior de reflexão. Se a inteligência é um dos grandes dotes que faz o ser humano se diferenciar dos outros animais, com que autoridade pessoas podem privar o ser humano de tal competência? Aqui se diz sobre a inteligência, reduzindo-a ao pensamento das formas reflexivas de relacionamento social. “E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora” (FREIRE, 1983, p. 42).

O pragmatismo puro toma conta da sociedade à medida que só procura os resultados, inculcando na cabeça dos alunos desde os mais primários, alcançando as mentes mais brilhantes de ensinamentos de alta graduação, que o melhor resultado é aquele que se transforma em algo material digno de aplausos e reconhecimento social. A busca do que é útil resume-se somente naquilo em que se pode querer tirar benefício próprio mesmo se for à custa do “jeitinho”.

O senso comum de nossa sociedade considera útil o que dá prestígio, poder, fama e riqueza. Julga o útil pelos resultados visíveis das coisas e das ações, identificando utilidade e a famosa expressão ‘levar vantagem em tudo’. [...] Podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes. (CHAUÍ, 2002, p. 18).

E se a relação humana começa então a se tornar cada vez mais técnica, a sensibilidade humana de arrolar como sujeito que faz e pensa

pode estar cedendo seu espaço para uma ação humana mais de objeto que tão só faz. Como noz diz Marconetti, (2003, p. 87): “É um ser relacional e se completa só estando em relação com os outros e com o Outro”. Sobre este mesmo assunto, Freire (1983, p. 43) explica que “Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir”.

Pode-se concluir que os meios de comunicação social, através principalmente de aparelhos televisivos, promovem nas pessoas muitas informações e também influenciam na opinião pública. Toda forma crítica de pensamento e análise que as pessoas possuem precisa neste momento estar em alerta para funcionar como um filtro. Nesse sentido, para Perrenoud (2001, p. 2013),

Educar e instruir é fazer com que o aprendiz compartilhe uma cultura, aceite uma herança, ou seja, enquadre-se em um molde, aceite uma certa padronização dos seus saberes, de suas formas de pensar, de sentir de comunicar.

Acrescente-se a essa citação, a possibilidade de transcendência que todo ser humano possui e que é demonstrado nas vastas áreas de pesquisas que existem. Sendo assim, não é difícil constatar que muitos governos ditatoriais, por quererem não ser questionados naquilo que fazem, removem tudo o que pode levar ao questionamento enquadrando todas as mentes para melhor poder controlá-las. Ainda Perrenoud (2001, p. 33): “Educar ou instruir é permitir que o aprendiz mude sem perder sua identidade, é conciliar a invariância e a mudança”. Ou seja, tudo o que vem de novo para a pessoa no quesito de saber, jamais poderá deixá-la do mesmo jeito de antes, porém é preciso ter certa habilidade para que a pessoa não perca as características e qualidades inerentes a si.

E é na alegria de poder voltar a saborear os prazeres que a vida oferece que o homem pode encantar-se novamente com ele mesmo, para poder sair desse marasmo em que se encontra, pois na medida em que não se maravilha mais consigo mesmo nem com as coisas, não consegue lutar contra aquele que não lhe permite desfrutar de momentos individualizados, já que não enxerga nenhuma outra finalidade para sua existência. Para Freire (1983, p. 45):

O que se sente, dia a dia, com mais força aqui, menos ali, em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destroem e aniquilam.

E nessa retomada da necessidade de pessoas mais reflexivas, é que a Filosofia volta com uma força maior nas salas de aulas, estimuladas agora não somente por instituições de ensino particulares, como também, com incentivo do governo para que as escolas públicas reabram as portas para o ensino filosófico. Para Chauí (2002, p. 14), a atitude filosófica inicia-se dirigindo essas indagações ao mundo e às relações que se mantêm com ele. Pouco a pouco, porém, descobre que essas questões se referem, afinal, à capacidade do ser humano de conhecer, à sua capacidade de pensar.

Essa atitude filosófica citada é a maneira de os alunos se portarem, os faz voltar a adquirir a grande definição do homem: Para Marconetti (2003, p. 87) “O homem é um ser, ser pessoa, em ‘dever ser’ plenamente, atuando as suas potencialidades, construindo-se e criando história e cultura no mundo, na sociedade”. Com isso, percebe-se um grande esforço educacional de trazer à tona uma das maiores maravilhas do misterioso universo biológico: a mente humana, sua capacidade de pensar, raciocinar e armazenar.

Portanto volta-se, então, para o que de fato deve ser considerado o que é ou não útil. Porém, agora, o revestimento que o ser-pessoa possui, graças a uma atitude filosófica que pode ser aplicada em qualquer área por questionar tudo, o mundo ao redor, para compreender melhor não só o seu funcionamento, mas a causa das coisas acontecerem, auxilia o homem voltar a ser sujeito dos acontecimentos. Com isso, a utilidade do pensamento sai do monopólio dos propagandistas e se abre para qualquer cidadão idôneo que a aplica no pleno uso de sua liberdade, conforme afirma Freire (1983, p. 105)

A consciência crítica é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais. A consciência ingênua (pelo contrário) se crê superior aos fatos, dominando-os de fora e, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada.

Dessa maneira, é proporcionado aos alunos perceber que tudo o que os cerca tem uma razão de existir, e quem sabe, a partir de então,

eles possam se entusiasmar com a grande capacidade que o homem possui de inventar coisas novas a partir de coisas já existentes na natureza e que, com a boa utilização da imaginação, conseguiu produzir algo senão belo, ao menos que servirá para alguma necessidade. Assim também, poderá surgir o encantamento do constante aperfeiçoamento que o homem faz dos objetos.

Para tanto, os estudantes poderão ganhar uma nova dimensão na formação, que seria o bom uso do conhecimento que possuem, visando sempre ao bem da sociedade humana. Caso isso seja deturpado, corre-se o risco de todos os homens terem que arcar com as consequências. Para Chauí (2002, p. 285),

É exatamente isso que torna o uso da ciência algo delicado, que, em geral, escapa das mãos dos próprios pesquisadores. É assim, por exemplo, que a microfísica ou a física quântica desemboca na fabricação das armas nucleares; a bioquímica e a genética, na de armas bacteriológicas.

Buscando refletir sobre o que a autora acima diz, entende-se que os professores almejam que a Filosofia, ao contrário de poder prejudicar, poderá expressivamente auxiliar a sociedade, que tanto anseia em se libertar daqueles que a dominam, como também, sair dos grilhões que lhe prendem o pensamento. A ciência da realidade pelas últimas causas racionais pede licença e entra para efetuar uma soma crítica de conhecimentos nas salas de aula, a qual, uma vez seduzidos os alunos, ultrapassará as quatro paredes alargando os horizontes, findando-se somente no limite de cada ser humano, sua temporalidade e, assim, aproveitando o que os anciãos já adquiriram com seus estudos e experiências. Que esse conhecimento seja levado aos mais jovens, pois é a partir deles que a sociedade pode iniciar uma verdadeira revolução.

A desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituídas por esperança, quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. Quando vão interpretando os verdadeiros anseios do povo. [...] Realmente não há por que se desesperar se se tem a consciência exata, crítica dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem à frente. (FREIRE, 1983, p. 54).

Ciente disso, a escola pública sem o lucro financeiro deve ser mais eficiente no momento de propor situações que levem conhecimento e

que seja o ensino, aberto à realidade. A filosofia entra como recurso que auxilia os alunos a refletirem de maneira crítica, ao mesmo tempo em que interagem com o meio em que se encontram. Para tanto, é preciso que o professor seja da área específica de filosofia e não proveniente de outra área.

Hoje a filosofia como disciplina já se encontra presente no currículo das escolas. Antes o professor, desde que escolhido pelo diretor pedagógico, poderia assumir as aulas referentes a essa disciplina; pode-se então concluir que o ensino não atingia o objetivo desejado em consequência da falta de formação específica de quem ensinava. Devido a esse problema, os profissionais provenientes da especificidade filosófica começaram a assumir suas funções proporcionando uma educação de qualidade.

O processo de aprendizagem do aluno é compreendido como um ato pluricausal implicando componentes de vários eixos de estruturação. O ensino aprendizagem não é processo linear e contínuo que se encaminha numa única direção, mas sim, multifacetado, apresentando paradas, saltos e transformações. É através da modalidade de aprendizagem do sujeito que o psicopedagogo poderá intervir frente às necessidades específicas de quem aprende. Segundo Grassi (2009, p. 74), a aprendizagem representa uma descoberta, uma autoaprendizagem que se realiza num ambiente estimulador. Logo, há uma organização diferente do espaço físico, mais atrativa e estimulante, permitindo a movimentação e a exploração.

Para esse pesquisador, é importante a consciência de como a realidade escolar se apresenta, da atual popularidade e eficácia para os alunos proporcionada pela filosofia e o que falta ao professor dentro da sua graduação para melhor capacitá-lo.

Será necessário identificar o perfil do professor, o universo em que ele atua e onde ele atua. Sobre o processo de aprendizagem, pretendeu-se aqui verificar como o professor pode compreender a sala de aula dentro da perspectiva de um processo de interação. Esta relação passa pela escuta, que não é apenas uma arte, mas um instrumento que acolhe o outro sem julgá-lo, aceitando-o como é, envolvendo-o com afeto e respeito, estabelecendo com ele uma comunicação na qual se sinta mais pessoa, livre para reconhecer e compreender seu ser.



Atender supõe um certo “selecionar” ainda que prévio ao ‘escolher’ consciente. Para aprender a falar necessitamos ser escutados, para aprender a olhar, necessitamos ser olhados. A capacidade atencional se constrói nessa continuidade e descontinuidade, que abre espaço entre: espaço atencional. Está aqui o valor do silêncio que nada tem a ver com o silenciar-se, mas muito com o escutar e escutar-se. (FERNÁNDEZ, 2012, p. 43).

Ou seja, o momento em que o professor está com o aluno é o momento no qual ele deve estar inteiro, de maneira plena, a fim de criar um ambiente que seja propício ao diálogo a fim de trocar ideias e aprender com a história do outro, estabelecendo com o aluno uma recíproca aprendizagem.

### **3 PSICOPEDAGOGIA: UM OLHAR, UMA ESCUTA**

No tempo atual em que a educação aumenta seu alcance extrapolando os muros das escolas, faz-se necessário um profissional que busque “compreender o ato de aprender e ensinar, considerando as realidades internas (inerentes ao sujeito e suas estruturas) e externas (referentes ao meio, ao contexto em que o sujeito está inserido) da aprendizagem como fatores inter-relacionados” (NEVES, 1991, p. 11). E justamente por isso que o psicopedagogo, que não restringe seu campo de atuação na escola, é o profissional indicado para auxiliar os jovens estudantes com dificuldade na aprendizagem.

Dentro desse processo educacional no qual se encontram os alunos, é importante buscar uma definição de aprendizagem a fim de apresentar concretamente este tema. Portanto aprendizagem pode ser entendida como:

[...] processo dinâmico e ativo em que a criança, numa relação mediada por um outro, vai se apropriar dos conhecimentos historicamente construídos e vai também produzir conhecimentos novos. É preciso que se considere o aprendiz como um ser biopsicossocial, em constante processo de transformação, inserido num meio social, econômico, histórico e político. (GRASSI, 2004, p. 79).

Isto é, ter consciência que aprendizado não é um momento ou estágio da vida, mas um processo para toda a vida. Tão importante

quanto o conteúdo aprendido é o modo como a pessoa aprende, o processo, isto é, a progressão do aprender e os fatores que o condicionam para obter um êxito ou fracasso no aprender. Sendo assim, conclui-se o objeto de estudo da psicopedagogia que é o “sujeito humano enquanto aprendente e ensinante” (GRASSI, 2009, p. 139).

O psicopedagogo desenvolve o seu trabalho orientando os elementos que compõem a instituição escolar, pontuando o que precisa ser feito e, às vezes, como deve ser feito. Deve conversar, discutir e questionar sobre o que fazer, como fazer e para que fazer, auxiliando os sujeitos a refletirem sobre si mesmos, visando ao alcance dos seus objetivos, à superação e à prevenção das dificuldades. (GRASSI, 2009, p. 150).

Para tanto, entende-se que o psicopedagogo tendo conhecimento da realidade em que encontra o ser humano aprendente, pode então ter clareza onde pontuar seu trabalho para melhor contribuir no processo educativo colaborando com o professor; a fim de solucionar o problema da não aprendizagem de alguns alunos. É nesse processo de ensino aprendizagem que cabe a ele, à coordenação e ao estímulo de todas as atividades próprias da escola promovendo nesse contexto um apoio para a classe docente que visa à otimização do serviço prestado à escola e aos educandos.

#### **4 A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO**

É o vínculo o objeto que possibilita uma maior intervenção no processo de aprendizagem do aluno, segundo Grassi (2009, p. 151):

O vínculo afetivo torna-se condição essencial no trabalho psicopedagógico institucional, tanto quanto o trabalho clínico. É necessário acolhimento, o respeito, a atenção, o carinho, as pontuações, o olhar e a escuta apurados, que farão com que sejam aceitas as sugestões de intervenção dadas pelo psicopedagogo, pois se tornarão necessárias ao serem compreendidas, e não sentidas como imposição.

Sendo assim, o autor frisa principalmente a importância do contexto familiar na formação da criança, pois as problemáticas sociais fazem da família alvo fácil. Nesse ponto de vista, basta perceber como mídias desagregadoras dos princípios familiares entram na casa das

famílias e passam a ser referência, não por aquilo que podem oferecer de construtivo, mas por aquilo que possuem a capacidade de destruir.

É sabido que a família influencia o modo como a criança se representa socialmente e também é verdade que ela é capaz de assumir um comportamento semelhante ao de seus pais, e em um segundo momento, reproduzem estes comportamentos com os seus colegas em sala de aula. Em base disso se dão diversas relações ao interno da família que acabam interferindo para bem ou para mal na formação dos filhos. Sobre isso Pichon-Rivière (2007, p. 31) diz que este movimento é em reposta ao vínculo:

O vínculo é um conceito instrumental em psicologia social que assume uma determinada estrutura e que é manejável operacionalmente. O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa; através da relação com essa pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços determinados.

São os conflitos de natureza material que os pais podem usar de objetos para chantagear e/ou compensar para conseguirem dos filhos o que desejam, e os conflitos de natureza moral, pois a estrutura moral e cultural se herda da família e, nesse caso, o conflito se baseia em razões subjetivas do sujeito e que influenciam no contexto escolar, pois mostram o aluno em uma distorção de valores.

Entende-se que para que o aluno possa se desenvolver adequadamente, faz-se necessário um amadurecimento sereno de sua autoestima na qual o equilíbrio e a sensatez se manifestam de diferentes maneiras e níveis de intensidade. Um equilíbrio na proteção familiar que não deve ser nem superprotetora nem desleixada, mas que proporcione o crescimento humano e social da criança.

Nesta situação é importante o aspecto emocional, no qual o ato de sentir possa provocar na criança o prazer pela vida, vivida em toda a sua intensidade em cada minuto da existência. Neste ponto, a escola deve ser o local onde a criança pode se assegurar de sua importância no contexto escolar e social e assim se assegurar de sua aprendizagem de maneira autônoma e autora.

É aqui que o psicopedagogo pode entrar no âmbito geral da vida do estudante individualizando-o e também, percebendo-o dentro de

um grupo familiar e social considerando o aspecto orgânico como importante na avaliação da aprendizagem.

Para tanto, ele auxilia os professores nas estratégias e dinâmicas de ministrar às aulas com tranquilidade e serenidade, agindo com calma, receptividade e empatia junto aos alunos. “Na educação pelo afeto, vários aspectos manifestam o que transita dentro e fora do corpo pela via do olhar, da escuta, do gesto, do tato, da linguagem, do movimento” (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 23).

Como supracitado, o ser humano relaciona-se com o outro à maneira que se percebe o outro. Para tanto, a relação professor-aluno deve ser nutrida com carinho e respeito, pois não se trata de juízo, mas de verificar como se é percebido pelo aluno. A imagem que o aluno capta do professor nem sempre será a que o professor deseja que seja transmitida, por isso o cuidado e a temperança na relação. Não basta falar de interesse é importante que o aluno perceba o interesse real. Sendo assim, pode-se concordar com Fernández (2012, p. 216) quando diz que:

Os espaços da formação docente devem abarcar toda a sua pessoa: sua afetividade, sua imaginação, suas fantasias, suas inibições, quer dizer, sua subjetividade. Devem oferecer oportunidades para que cada ensinante possa ressignificar sua modalidade de aprendizagem, ampliar sua capacidade de atenção e experimentar a alegria de ser autor.

Entende-se que os professores não podem sozinhos modificarem a estrutura da própria formação, mas podem fazer parte de um processo que levando em conta o contexto total, privilegiando a aquisição de recursos pedagógico na prática docente de sala de aula. A intenção maior é criar um ambiente facilitador para a prática educativa.

Por isso, os professores precisam de “espaços de reflexão que habilitem o professor a reconhecer-se como ensinante. Quer dizer, como alguém que crê que seu aluno pode aprender e, portanto, faz-se apto a ensinar” (FERNÁNDEZ, 2012, p. 223). Assim o professor pode ajudar o aluno a buscar dentro de si e emergir o ser pensante e aprendente, desenvolvendo as habilidades de conhecimento por meio de uma relação empática e envolvente.

Sendo assim, “o aluno se vê influenciado por sua percepção do professor, como o vê e como vê sua relação com ele, e pelo que o professor de fato faz: comunica expectativas, responde adequadamente, proporciona ajuda estratégica” (MORALES, 1999, p. 60). Ora motivar o aluno com toda a atenção possível e recobri-lo com o afeto necessário a fim de conquistá-lo e influenciá-lo para uma boa conduta e para o interesse da lição é no mínimo salutar e imprescindível. E ainda, pode-se concluir que

Educar pelo afeto: articular conhecimentos é também compreender o ser humano, comprometer-se com a ética, com a estética, com o conhecimento sensível, com a vida e com tudo o mais que faz sentido e gera mudanças em produções de sentidos. (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 38).

Este caminho torna-se possível quando o professor transcende o espaço profissional tornando-se portador de esperança e capaz de maravilhar o estudante para a sua disciplina, capacitando-o para uma compreensão da realidade e educando-o à vida.

## **5 PSICOPEDAGOGIA E O *COUNSELING* EM SALA DE AULA: PARTILHA QUE GERA SABER**

A busca por uma organização interna produz na pessoa a reapropriação do potencial de criatividade e sabedoria inerentes ao seu ser por meio de uma interação entre duas pessoas cujo objetivo é habilitar a pessoa a ter autonomia de tomar decisão diante de escolhas pessoais, este é o horizonte do *Counseling*. Para tanto, recupera-se o sentido da vida e das coisas para o ser humano a fim de que ele possa ter consciência de si próprio e de tudo ao seu redor.

A escola e a formação são os campos naturais de aplicação deste “treinamento para a comunicação de qualidade”, em que operadores devem gerir, além da sua matéria, dinâmicas de grupos, relações interpessoais conflitivas em diversas faixas de utilização: alunos ou crianças, pais ou responsáveis, colegas ou superiores. (DANON, 2003, p. 27).

Como apresenta Danon, no exercício de seu ofício o professor tende a acompanhar didaticamente e quando possível em uma esfera mais profunda de amizade, auxilia os seus alunos não só no crescimento

intelectual como também no desenvolvimento humano. É uma orientação que se faz como estímulo daquilo que se está produzindo e atenta-se em cuidar, a fim de que o jovem estudante possa progredir em seu fazer-se e tornar-se uma pessoa melhor. Aínda Danon (2003, p. 23) afirma que:

A arte de escutar, de entrar em empatia com o interlocutor, de não fazer projeções sobre ele (*aluno*) atribuindo-lhe características que não lhe pertencem, de não se deixar desviar pelo preconceito, de acolher o outro na sua unicidade são todos fatores que estão re-entrando nos programas de formação profissional de uma gama sempre mais ampla de diversas realidades.

Sobre essa capacidade empática a autora revela que o educador deve se habilitar sem preconceitos, a fim de poder auxiliar mais eficazmente o aluno, pois espera-se do professor uma postura baseada em seis pontos: empatia, aceitação incondicional ou respeito, coerência, confrontação, imediaticidade e concreticidade (Cf. MIRANDA; FELDMAN, 2006, p. 27). São comportamentos que de certa maneira já fazem parte do próprio comportamento do professor e que precisam ser colocadas em ênfase para que o diálogo com o aluno possa ser produtivo.

Para tanto, é fundamental entender que as dimensões psicológicas presente no aluno – tais como emoção, sentimento – além dos vínculos e experiências diversas do ser humano, influenciam a vida e assim, pertencem ao aluno que está por completo em uma sala de aula. Também o professor, que é o agente facilitador do saber, não deixa na sala dos professores as próprias experiências vitais, pois em sala de aula não encontra-se apenas um profissional, mas acima de tudo, um ser humano. Na verdade

[...] deixar o cliente (*aluno*) à vontade, dando-lhe ocasião de expressar-se livremente e de sentir-se ouvido e compreendido pelo interlocutor. A propósito disso, Rogers acena para algumas técnicas verbais que, caracterizam o que vem definido como escuta ativa o que garante ao cliente (*aluno*) a qualidade que lhe é oferecida, ao mesmo tempo que permite ao counselor (*professor*) verificar, de vez em quando, sua exata compreensão sobre o que está sendo relatado. (DANON, 2003, p. 42).

A verificação da necessidade de falar é encontrada em todas as esferas da sociedade que isolando as pessoas da convivência social deixando-as a mercê do trabalho e do individualismo, faz com que surja

uma necessidade de falar de si, uma busca pelo calor, pelo afeto e pela atenção. Neste sentido, nem sempre o aluno com mais dificuldade ou arteiro é desprovido de inteligência, mas ao contrário, ele na verdade, é um aluno carente que clama por atenção.

E, para isso, requer-se do professor algumas habilidades tais como; envolver o aluno e incentivá-lo a falar o que está sentindo. Um verdadeiro processo de compreensão a respeito do aluno: do que está acontecendo, o que ele está sentindo e o que ele vai fazer para aprender. O professor torna-se agente que auxilia o aluno a ter maior equilíbrio e comprometimento com o estudo e com a vida e pressupõe uma atitude de confiança, um estar na relação, mas estar contemporaneamente em escuta de si mesmos. Assim contempla-se o objetivo de compreender o que acontece com o outro (DANON, 2003, p. 118).

Essa ajuda é o ato de promover a uma pessoa uma mudança construtiva no comportamento, pois enquanto o professor em sua cátedra não toca o sentimento do aluno, por consequência, ele não toca em sua parte mais profunda. É com a cordialidade, amabilidade e o desejo de ajudar que ele pode facilitar essa relação e despertar nele a crença nas próprias potencialidades descobrindo-se como realmente é. “O crescimento do cliente (aluno) é função de determinadas atitudes assumidas pelo terapeuta (professor) durante o processo” (MIRANDA; FELDMAN, 2006, p. 27).

Para tanto, o psicopedagogo tendo o conhecimento e a prática terapêutica do *Counseling*, poderá melhorar a orientação e a intervenção da sua relação em sala de aula. Proporcionando assim uma educação mais envolvente e conseqüentemente diminuindo a evasão escolar. Para tanto será abordado no próximo capítulo a utilização desta habilidade em sala de aula.

## 6 ESCOLA ESTADUAL RUI BARBOSA EM QUESTÃO

A opção pela Escola Rui Barbosa resultou de uma série de características relevantes uma vez que é a terceira escola estadual de Campo Grande, com mais de mil alunos, situada em um dos bairros mais povoados e emergentes da capital. Reúne alunos de todas as esferas sociais, o ensino fundamental do 6º ao 9º ano conta com um corpo docente constituído em sua maioria por professores efetivos e relativamente

atuantes de longa data. Além disso, o trabalho de pesquisa foi bem recebido pela direção e pela equipe pedagógica da escola, facilitando a adesão dos professores.

A escola possui dez salas de ensino médio no período matutino, cinco do primeiro ano, três salas do segundo ano e duas salas do terceiro ano, totalizando aproximadamente 300 alunos frequentes na época da verificação e aplicação dos questionários, em 06/11/2011. A opção pela data deve-se, primeiramente, a uma definição do próprio projeto de pesquisa e ao interesse em consultar o aluno do ensino médio, trazendo para a pesquisa a sua relação de diálogo e escuta com seus professores de Filosofia.

Foram sorteados 50 alunos, sendo 25 do primeiro ano (cinco de cada sala) e 15 do segundo ano (cinco de cada sala); e 10 do terceiro ano (cinco de cada sala); as idades desses informantes variavam entre 15 e 19 anos. Antes de responder ao questionário, os alunos eram orientados sobre os objetivos da pesquisa e, em muitas classes, manifestaram a sua satisfação por estarem sendo consultados sobre a qualidade de ensino de sua escola. Alertados para o caráter anônimo da consulta, registraram, no cabeçalho, apenas, a idade e o período em que frequentavam a escola.

Além das nove questões fechadas, o questionário apresentava uma última questão aberta em que o aluno discorria mais livremente sobre o quê, afinal, constituía para ele um bom professor. Nesse quesito, é relevante o fato de que, a grande maioria (39 alunos) fez alusão ao “saber explicar bem a matéria” e “interessar-se pela vida do aluno e fazer com que ele aprenda com prazer” como qualidades inerentes ao bom professor. Para a pesquisa, foram selecionados os três professores de filosofia que lecionam no ensino médio, aqui apresentados por nomes fictícios: Lucas, do primeiro ano; Marcos, do segundo ano; Mateus, do terceiro ano.

As opiniões dos alunos referentes aos três professores merecem algumas breves considerações. Alguns traços de personalidade, como: equilíbrio emocional, espírito de liderança e entusiasmo. Ainda que o equilíbrio emocional tenha sido apontado com algumas reservas, principalmente quando a atenção dos alunos é cobrada (“às vezes perde a esportiva”) não há dúvidas quanto à liderança e entusiasmo dos três professores (“tem personalidade, é extrovertido, mas é sério nas horas difíceis”).

Com relação à dinâmica das aulas, embora o desempenho dos



três professores seja motivador, pode haver o contraponto positivo do entusiasmo com que esses professores, segundo os alunos, incentivam a classe a se esforçar mais nos estudos: “explica bem e tem gosto pela matéria” e, observação unânime, “aproveitam as experiências dos alunos para motivar suas aulas”.

No aspecto das relações interpessoais, é curioso que, segundo os alunos, não é muito comum que esses professores os ajudem a resolver seus problemas pessoais, com exceção do professor do primeiro ano, o Lucas, que desenvolve junto aos alunos um trabalho de cunho religioso por ser sacerdote da Igreja Católica, mas é unânime a opinião de que “são amigos, dentro e fora da escola”. Será possível então inferir que essa amizade se dá nos limites das relações escolares, em vista da falta de tempo e de oportunidade para o trato de problemas pessoais? Ainda que de forma bastante restrita, o professor Lucas do primeiro ano, mereceu algumas referências na sua iniciativa de “ajudar os alunos a resolverem seus problemas pessoais”.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Bom professor é como o meu professor. Ele se importa comigo.*  
(Aluno da 2ª série da EE Rui Barbosa, Campo Grande, MS)

Ao analisar o desempenho dos professores de 1ª à 3ª série do ensino médio da EE Rui Barbosa, do ponto de vista de seus alunos e dos próprios professores indicados, foi possível trazer para a discussão em especial um tema que se supõe muito relevante: a escuta.

De acordo com as pesquisas, foram relevantes as respostas que dizem respeito à escola como ambiente de inter-relações afetivas e profissionais. É interessante e alentador perceber o quanto os alunos manifestaram-se bastante maduros na avaliação do trabalho do professor. Na questão de livre manifestação discorreram com clareza e objetividade sobre o conceito que têm de bom professor e da necessidade de interação que é considerado um gerador de saber. Das cinquenta respostas, nenhuma sequer se perdeu em considerações que demonstrassem expectativa com atitudes facilitadoras ou diversificadas por parte do professor.

Mediante as respostas, foi apontado que o bom professor para

esses alunos é aquele que “sabe e sabe explicar”; “é o que se interessa pela vida e pelas experiências que cada aluno traz consigo”; “é o que desperta o interesse dos alunos”; “é o que gosta do que faz”; “é o que respeita as dificuldades dos alunos e procura motivá-los para aprender”; “é o que relaciona o conteúdo com o dia-a-dia”; “é o que avalia direito o aluno”; “é o que sabe manter a classe unida e disciplinada” e tantas outras observações que passam pela fina observação crítica de quem já carrega, no mínimo, nove anos de escolaridade e “pode dar alguns palpites sobre o trabalho do professor”.

Foi possível observar nas respostas uma relação positiva entre a prática ensinada e o desempenho do aluno, uma vez que os professores passaram a interessar-se pelo aluno de maneira geral, individuando-os na escola. Sendo assim, o psicopedagogo fazendo uso do recurso do *Counseling* junto aos professores e capacitando-os para tal pode conseguir despertar no estudante o interesse e o gosto por estudar. No mais, os professores se transformaram em mestres “da vida” desses adolescentes, o que motiva a utilizar esse recurso na prática psicopedagógica na atuação no âmbito escolar para uma reflexão sobre o quanto a escuta cria possibilidades de estabelecimento de vínculo, oportunizando a aprendizagem do aluno e sucesso do trabalho do professor.

## REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- DANON, Marcella. *Counseling: uma nova profissão de ajuda*. Tradução de Adalto Luiz Chitolina. Curitiba: IATES, 2003.
- FERNÁNDEZ, Alicia. *A atenção aprisionada*. Porto Alegre, RS: Penso, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GRASSI, Tânia Mara. *Linguagem, comunicação e psicomotricidade: implicações no processo de aprendizagem*. Curitiba, PR: Ibpex, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Psicopedagogia: um olhar, uma escuta*. Curitiba, PR: Ibpex, 2009.
- MARCONETTI, Luís. *Primeiros elementos de Filosofia*. Campo Grande, MS: UCDB, 2003.

- MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia. *Arte, afeto e educação a sensibilidade na ação pedagógica*. Porto Alegre, RS: Mediação, 2010.
- MIRANDA, Márcio Lúcio de; FELDMAN, Clara. *Construindo a relação de ajuda*. Belo Horizonte: Ceap, 2006.
- MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno*. São Paulo: Loyola, 1999.
- NEVES, M.A.M. Psicopedagogia: um só termo e muitas significações. *Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia*, São Paulo, v. 10, n. 21, 1991.
- PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Teoria do vínculo*. Tradução de Eliane Toscano Zamikhouwsky. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

